

TEATRO

Edvaldo dos Anjos

O registro na Fecata, agora uma necessidade já indiscutível

Depois da reunião entre Marlen Calixte, diretor-presidente da Fundação Cultural, Luiz Tadeu Teixeira, Coordenador de Atividades Teatrais, e autores, diretores e atores do teatro capixaba, um ponto ficou absolutamente definido: todo auxílio e incentivo proporcionado pela Fundação aos grupos serão condicionados ao registro na Federação Capixaba de Teatro Amador, entidade de classe criada ano passado em assembléia geral e que até hoje não se organizou por desinteresse de seus próprios representantes. Com esse condicionamento, a Fundação não só está exigindo organização e seriedade por parte dos grupos, como também estimula o progresso da Fecata, como aliás, reconheceu seu presidente, o ator Antônio Rosa.

Houve algumas controvérsias a respeito dessa decisão, durante o encontro no Teatro-Estúdio José Luiz Gobbi e Renato Saudino, ambos diretores e atores, discordavam alegando que muitos grupos não contam com o dinheiro suficiente para as despesas de registro — estimadas, no momento, em cerca de mil cruzeiros. Luiz Tadeu criticava esse argumento, dizendo que o esforço dos integrantes no resumo do dinheiro necessário seria um importante dado para estimular a organização e a seriedade do trabalho. Na mesma ocasião, Antônio Rosa sugeriu que os necessitados propusessem à Fundação que lhes financiasse o registro e desse um prazo para o pagamento da dívida, o que seria evidentemente conseguido com espetáculos.

Na prática, porém, o que vem acontecendo é a movimentação dos grupos para se registrar na Fecata, reconhecendo finalmente a necessidade da medida. Como a Federação encontra-se em fase embrionária, a Fundação pediu provisoriamente uma sala no Teatro-Estúdio, 10º andar do edifício das Fundações, ao lado da Assembleia Legislativa, para que Antônio Rosa, presidente do grupo, fizesse todas as informações necessárias, o que ele vem fazendo de segunda a sexta-feira, das 19h30m a 21 horas, desde o dia 7º. Segundo informou Antônio Rosa, até quinta-feira última estavam registrados na Fecata os seguintes grupos: **Universal**

(de Aribiri, bairro de Vila Velha), **União** (do município de Montanha) e **Movimento** (de Vitória). Mantendo contatos e pedindo informações sobre vários assuntos, estiveram com Antônio Rosa a atriz e agora autora Vera Viana (**Quatro Destinos**, de sua autoria, deve estreiar em breve), Renato Saudino, Sebastião Carneiro (ator) e Gabeira. Rosa informou ainda que o grupo Geração, ao qual pertence, dirigido por Antônio Carlos Neves, está com toda documentação pronta para efetivar o registro, e que Milton Henriques e Bob de Paula também já anunciaram sua disposição para fazer o mesmo. Bob pertence ao grupo da Barra, que já montou **Anchieta: Depoimento e A Sereia de Meatpe**, e Milton está formando seu próprio grupo, depois de dirigir e trabalhar em diversas peças. Ele inclusive, no momento, é o responsável pela administração do Teatro-Estúdio, enquanto ensaia um espetáculo infantil para estreiar dia 16 de abril: **O Gato Playboy**.

Para os que não têm tempo à noite, durante o dia, Antônio Rosa pode ser encontrado na firma Irmãos Pepino, na avenida Vitória, cujo telefone é 223.7292. Rosa informou que irá propor que cada membro de grupo pague uma mensalidade de Cr\$ 20.00 à Fecata para que a entidade possa se organizar e sobreviver.

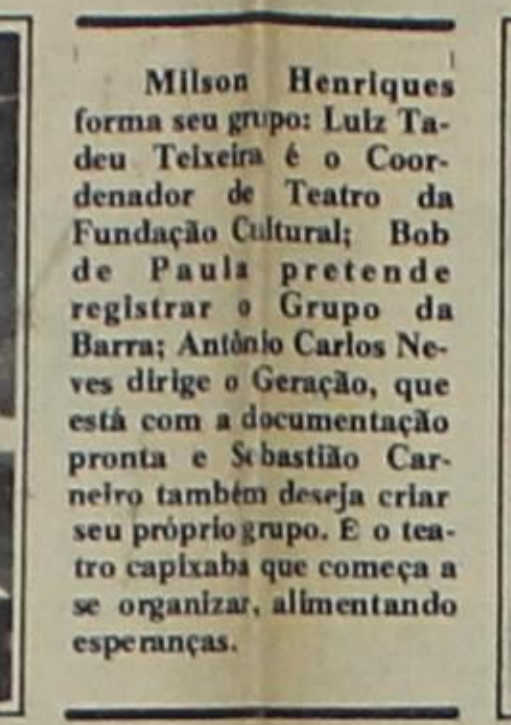
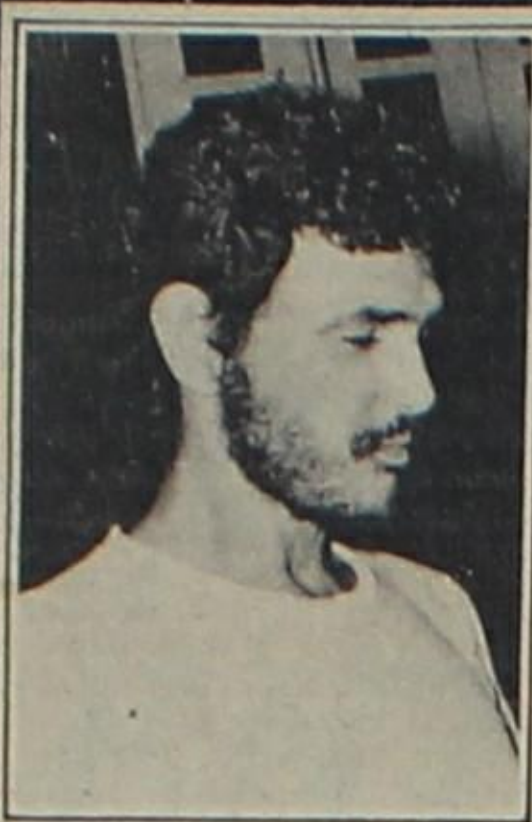
De acordo com informações da Fundação Cultural, para o registro na Fecata, os grupos devem providenciar os seguintes documentos: a) personalidade jurídica legalizada (estatuto), devidamente registrada em cartório; b) registro de CGC-MF (Cadastro Geral de Contribuintes — Ministério da Fazenda). O primeiro passo a ser dado pelos grupos para a obtenção desses documentos é realizar uma reunião, em que deverá ser elaborada a ata de fundação do grupo, definidos os estatutos e imposta a direção. Em seguida, deve ser feito um requerimento a um oficial de cartório, solicitando registro e arquivamento do estatuto. O próprio oficial orientará o grupo sobre os itens do estatuto que precisarão ser publicados no Diário Oficial. Após a publicação, o grupo terá que levar a documentação ao Ministério da Fazenda para obter seu CGC.

Procura-se um ator para ser "O Gato Playboy"

Se você é jovem, entre 17 e 20 anos de idade, desembaraçado, tem alguma experiência teatral e, principalmente, conta com a tarde livre, pode procurar Milton Henriques amanhã, a partir de 15 horas, no Teatro-Estúdio, 10º andar do edifício das Fundações, ao lado da Assembleia Legislativa, Cidade Alta, e se candidatar ao papel principal da peça infantil **O Gato Playboy**, de Jair Pinheiro, atualmente em ensaios e com estréia marcada para 16 de abril. O escolhido substituirá Evaldo Christi, que trabalhou com Milton em **A Chuva de Sorrisos** e **No País da Maluquice**, mas não poderá fazê-lo nesta terceira montagem.

Apesar de o mercado estar bastante movimentado, com muita oferta, Milton afirma que necessita recorrer a um anúncio desse tipo por causa da limitação do horário e do tipo físico do candidato, que, segundo ele, deve ser de acordo com o personagem principal, um gato meio malandro que tenta enganar seus amigos e que busca quase sempre conversar com a platéia, necessitando portanto de uma certa comunicação. O texto do mineiro Jair Pinheiro, autor também de **Serviço de Proteção aos Maridos**, **Uzumá** (través telefônica), **Dona Raposa é uma Brasa**, **O País Astronauta**, **Paralênia Pê Vaz**, **O Buzinho Avançado** e **A Brasa Marcolina**, é totalmente favorável à

participação direta da criança no espetáculo, no que difere, por exemplo, da consagrada **Maria Clara Machado**. **O Gato Playboy**, lançada em julho de 1976 no Teatro Miguel Lemos, no Rio, com Henriqueta Briebe no elenco, tem quatro personagens: **Avozinha**, **Ronin**, **Romão** e o guarda real. Além desses, participa um conjunto musical, no que representa uma novidade que poderá dar um colorido todo especial à montagem da peça, dependendo da concepção de Milton Henriques. A história em dois atos se passa numa sala-de-estar de casa de campo, onde **Avozinha** trabalha na confecção de um manto para o filho do rei, tendo como companhia o gato **Ronin**, até que chega **Romão**, um gato "doente" e maltratado, logo recebido como o novo hóspede. **Romão** começa a se aproveitar da boa recepção e é seu oportunismo que caracteriza a peça, que tem final moralista, de certa forma. A platéia não só acompanha as travessuras de **Romão**, como a ela o personagem se dirige várias vezes para esclarecer suas verdadeiras intenções. O ponto culminante é quando **Romão** rouba um juriti do bosque real e envolve **Ronin**, colocando as penas em seu casaco. No segundo ato é que surge o conjunto de libélula, traído por **Romão**, que se gaba de ter cozido a culpa do roubo em **Ronin** e ainda receber o ouro de recompensa.



Milton Henriques forma seu grupo; Luiz Tadeu Teixeira é o Coordenador de Teatro da Fundação Cultural; Bob de Paula pretende registrar o Grupo da Barra; Antônio Carlos Neves dirige o Geração, que está com a documentação pronta e Sebastião Carneiro também deseja criar seu próprio grupo. E o teatro capixaba que começa a se organizar, alimentando esperanças.

Prováveis atrações para este primeiro semestre

É bom ficar bem claro, como pede e diz Luiz Tadeu Teixeira: ainda não estão devidamente confirmadas, mas três peças poderão ser mostradas em Vitória neste primeiro semestre de 1978. Por enquanto, os contratos não foram fechados, daí não se poder garantir nada. Para a primeira semana de abril, está previsto o espetáculo **Escuta Zé**, de grande sucesso; para o mesmo mês, possivelmente para os dias 13, 14, 15 e 16, o público do Carlos Gomes poderá ver **Ponto de Partida** e, para maio, está sendo esperada **Tônia Carrero** e seu espetáculo de grande sucesso **Constantina**.

"A apatia teatral carioca — publicou **O Globo** no dia 10 de janeiro último — foi vigorosamente sacudida com a estréia, freneticamente ovacionada, de **Escuta Zé**, espetáculo armado por Marilena Ansaldi a partir do livro-carta de Wilhelm Reich, **Zé Ninguém** —

múltiplas vezes aqui citado com amor e esperança. Clóvis Bueno dirigiu e o público recebeu uma vitalizante mostra de talento e empenho de todo o competitíssimo elenco de atores-bailarinos, a começar por Marilena Ansaldi, ainda desconhecida do público carioca, que iluminou a montagem com uma paixão e um empenho que não se vêem em tantas outras. Tânia Pacheco afirmou: "Ao lançar mão das idéias e textos do Reich, Marilena Ansaldi jogou no palco as mais diversas etapas da manipulação do ser humano, da liberdade ao cerceamento imposto pela educação, pela cultura, pela religião, pelo Estado". Depois de uma temporada paulista em 1976, **Ponto de Partida** iniciou em abril ano passado uma série de apresentações no Rio de Janeiro. A linguagem metafórica que caracterizou os dois textos anteriores — **Guarnieri no Ar** e **O Botequim** — foi a única

alternativa do autor, segundo Maeknsen Luiz, para encontrar, com alguma velocidade, aproximações com fatos e situações reais. Em **Ponto de Partida**, a metáfora ainda que não tenha sido abandonada é usada com menos contundência. "Classifico **Ponto de Partida** — diz Guarnieri — como fábula: 'Era uma vez um enforcado em uma praça... Talvez prefiram classificá-la de parábola'. A peça procura demonstrar quase didaticamente que as relações de poder num regime forte são unívocas e que as decisões partem do alto para baixo". No elenco, Guarnieri, Othon Bastos, Mart Overbeck, entre muitos outros. **Constantina**, escrita por Somerset Maughan (**O Flo da Navalha**), fez sucesso junto à classe média no Rio e em São Paulo há alguns anos, estréiada por Tônia Carrero. A direção é de Cecil Thieré. No elenco, ainda, Regina Braga, Paulo Goulart e Roberto Mata.

Trinta e duas peças à disposição dos grupos capixabas

Depois de registrado na Fecata, qualquer grupo capixaba poderá ir à Fundação Cultural e receber 30 textos de peças como sugestões para montagem. As peças foram publicadas em livro e editadas pelo Serviço Nacional do Teatro, São 28 e, além delas, há ainda à disposição um livro contendo cinco textos para teatro infantil recentemente premiados em concurso do SNT, e o Caderno de Teatro nº 66, de Maria Clara Machado.

O primeiro grupo a se beneficiar desse pacote (não é a palavra da moda?) de sugestões foi o Movimento, dirigido por César Augusto Huapaya e o primeiro de Vitória a se registrar na Fecata. O grupo ensaia no momento a peça infantil **A Guerrinha dos Animais**, escrita por César Huapaya, que já solicitou, através de ofício, auxílio à Fundação Cultural para montagem. O pedido está sendo estudado.

Para conseguir os textos, os grupos devem enviar ofício à Coordenação de Atividades Teatrais da FCES, fazendo o pedido, e anexar uma fotocópia autêntica do atestado de registro fornecido pela Fecata. As peças à disposição são as seguintes: **O Santo Milagroso**, de Lauro César Muniz; **Gimba**, de Gianfrancesco Guarnieri; **Pigmaleão**, de Millor Fernandes; **O Fardão**, de Bráulio Pedroso; **O Telescópio**, de Jorge Andrade; **A Morta**, de Oswald de Andrade; **Quarto de Empregada**,

de Roberto Freire; **Santa Marta Fabril S/A**, de Abílio Ferreira de Almeida; **A Grande Estigagem**, de Isaac Goudin Filho; **Dona Xepa**, de Pedro Bloch; **Canção Dentro do Pão**, de Raymundo Magalhães Júnior; **Onde Canta o Sabiá**, de Gastão Tojeiro; **A Casa Fechada**, de Roberto Gomes; **O Patinho Torto**, de Coelho Neto; **Flagrantes do Rio**, de Silveira Sampaio; **Malazarte**, de Graça Aranha; **Deus lhe Pague**, de Joracy Camargo; **Beata Maria do Egito**, de Rachel de Queiroz; **Um Deus Dormiu Lá em Casa**, de Guilherme de Figueiredo; **Hay, Amigo Para Amigo**, de Botelho de Oliveira; **Mania de Grandeza**, de Joracy Camargo; **A Bela Madame Vargas**, de João do Rio; **O Vaso Suspirado**, de Francisco Pereira da Silva; **O Escravo**, de Lúcio Cardoso; **Maria Cachucha**, de Joracy Camargo; **O Contratador de Diamantes**, de Afonso Arinos e Adão, Eva e Outros Membros da Família, de Alvaro Moreira.

Os textos infantis são: **Da Metade do Caminho do País do Último Círculo**, de Illo Krugli; **Andar, Andar, Sem Parar de Transformar**, de Maria Luiza Lacerda; **A Viagem de um Barquinho**, de Sílvio Milagroso; **O Castelo das Sete Torres**, de Benjamin Santos; **Rei Solimão e a Rainha de Jabá**, de J. Argemiro da Silva. Peça de Maria Luiza Lacerda foi montada em Vitória recentemente pelo ex-grupo do Teatro Estúdio.

Três meses sem opções para o público local e os veranistas

Dezembro de 77 foi o último mês em que a Fundação Cultural do Estado ofereceu alguma coisa, no campo do teatro, da música, da dança e das artes plásticas, ao público capixaba. Em música, o show **Reencontro** encerrou o ano, enquanto em teatro a peça infantil **No País da Maluquice** fazia o mês, assim como em artes plásticas, o **II Salão de Artistas Capixabas**. Dia 23 de dezembro, sexta-feira, marcou o primeiro fim-de-semana sem nenhuma promoção da Fundação Cultural e não adiantou o apelo feito por **A GAZETA** para que o verão não se constituisse, mais uma vez, em praia e sol, unicamente. E, que, desde sua criação, no início da década, a Fundação Cultural tem por hábito decretar férias justamente no período de verão, quando a população do Estado aumenta, e, conseqüentemente, o interesse por espetáculos.

Ocorre, entretanto, que desta vez havia um motivo justo. O diretor-presidente da Fundação, Marlen Calixte, empossado em outubro, em substituição a Beatriz Abaurre, deu logo uma entrevista denunciando o caos administrativo e o déficit em que se encontrava o órgão. Para trabalhar, evidentemente, seria que reorganizasse e pagas as maiores dívidas da Fundação. A opção seria parar um pouco e, assim, Marlen informou que aproveitaria janeiro e fevereiro para arrumar a casa. Mais uma vez, o público teria que ser sacrificado: antes, a falta de que fazer por conta das "férias culturais" da Fundação; agora, por necessidade absoluta de reorganização interna.

Os dois meses não foram suficientes, ao que parece. A temporada de 78 da Fundação Cultural não começa agora, no início de março, mas só no final do mês. Quer dizer, mais vários fins-de-semana sem nenhuma opção. Nas artes plásticas, a reabertura do Centro Homero Massena só ocorrerá no final do mês; música, a primeira atração é Dave Brubeck, para dia 28 (fora a ida do Coro e da Orquestra a Venda Nova, ontem). Em teatro, nada está programado para março. Com a desculpa de que a reforma do Carlos Gomes ainda não terminou (por que sacrificar mais um mês sem opções para o público?), a temporada naquele teatro só começará em abril. No teatro-Estúdio, que só serve para montagens locais, a primeira atração deverá ser **O Gato Playboy**, a partir de 16 de abril. O Teatro de Arena, na Esplanada Capixaba, ainda não tem data certa para inauguração. E há a possibilidade de utilização, através de um convênio com a Fundação do Teatro da SCAV, na Beira-Mar, ainda inacabado (no ano passado foi palco de uma longa temporada de **Astúrias**).

A conclusão disso tudo é que o público está sendo muito prejudicado nas decisões da Fundação Cultural, desde sua criação, de férias ao verão e mesmo agora, com a renovação proposta por seu novo presidente, que, entretanto, impõe mais um mês de falta de opções, como se dois fossem poucos.



Guarnieri, autor e ator em **Ponto de Partida**, previsto para abril no Carlos Gomes; Tônia Carrero, deve vir com **Constantina**, sucesso há alguns anos no Rio e em São Paulo e para a primeira semana de abril a estagiada Escuta Zé com Marilena Ansaldi; Bernadete Figueiredo, baseada em Reich.



Antônio Rosa, presidente da Fecata

ARQUIVO PÚBLICO ESPÍRITO SANTO